O Corona vírus e a Crise Política

 A crise do coronavirus colocou em evidência , de forma transparente, a crise política do país e ao mesmo tempo a tem aprofundado cada vez mais. A vertente golpista do Governo se mostra agora a olho nu, a única estratégia de Bolsonaro é estimular o caos para que possa surgir como um salvador da pátria e promover o fechamento do regime. A evolução da crise, no entanto, levou ao surgimento de mais vertentes golpistas, tendo inclusive a própria crise do coranavirus como uma grande justificativa para acabar com os espaços democráticos antes existentes.

 A centro-direita se chocou contra Bolsonaro na escolha das alternativas para enfrentamento do vírus, e conseguiu, com isso, arregimentar em seu entorno uma parte importante da opinião pública de direita ou centro que antes se orientava pelo Bolsonaro e que tem feito um giro para suas posições “corretas’, “responsáveis” Bolsonaro aparece agora como sustentando upa posição diametralmente oposta, como irresponsável, e promotor de uma situação de instabilidade.

 A surpresa foi que este movimento da direita trouxe para ela um apoio inesperado da esquerda parlamentar, que passou a defender a tese que qualquer outra opção é melhor que o atual governo, caracterizado como totalmente irracional, caótico e insuportável. Em certos casos, passou-se a considerar o general Mourão como uma alternativa de Governo de União Nacional, por ser ele alguém aparentemente mais racional e coerente que Bolsonaro.

 Surpreendentemente, tendo também como pano de fundo o vírus, passou a germinar uma nova vertente de golpe, não mais das tropas paramilitares ou não de Bolsonaro, cujas fileiras parecem se esvair com o tempo e o ultra bonapartismo de seu líder. Começa a haver uma grande criatividade política por parte até mesmo das forças políticas que deveriam estar defendendo radicalmente a democracia como solução dos problemas nacionais. Enquanto Bolsonaro namora com uma forma “constitucional” de golpe, o estado de sítio,-a oposição de direita coloca como um grande obstáculo à luta contra o vírus as próximas eleições municipais. A “imaginação criadora” da época da ditadura parece está de novo na moda, pois fala-se desde o puro e simples cancelamento das eleições e a extensão dos atuais mandatos até a volta do parlamentarismo para colocar a direita dita “civilizada” no poder personalizada pela figura do Presidente da Câmara – Rodrigo Maia.

 O primeiro passo simbólico nesse sentido foi a aprovação pela Câmara da concessão de uma ajuda aos trabalhadores informais variando de 600 a 1200 por mês , durante alguns meses.

Votou-se um projeto apresentado pela oposição de esquerda neste sentido e isto significou exatamente o contrário – fi a oposição de direita que teve um êxito admirável em atrair a esquerda para seu projeto.

 A esquerda se esquece que o projeto político da ambos – Bolsonaro e Oposição de direita, continua sendo a implantação forçada e ampla do modelo econômico neoliberal periférico. O que, é claro, exclui, de maneira definitiva qualquer pretensão da esquerda no sentido de arrancar um mínimo de concessão das força políticas burguesas, como por exemplo a eliminação regime fiscal atual caracterizado pelo do teto de gastos sociais e pela responsabilidade fiscal.

 A partir de agora a palavra de ordem Fora Bolsonaro, sem complementos, passa a significar uma alternativa concreta de poder, com a possível institucionalização do Golpe de 2016 tendo a direita “civilizada” na hegemonia de um bloco que passa a incorporar a esquerda “bem comportada”. Essa mudança no quadro político do país está longe de garantir o fim da ameaça de golpe pelas hordas fascistas de Bolsonaro. É uma luta que vai galvanizar o país daqui para frente, e a falta de reais bases populares do novo bloco hegemônico, pode favorecer, a vertente golpista de Bolsonaro, com trágicas consequências para o país.

 É somente uma frente das forças populares, numa oposição cerrada às forças golpistas, que pode impedir o caos. A construção desta frente se torna, no entanto, cada vez mais difícil do ponto de vista da atual correlação de forças no país. O que pode mudar este quadro é a enorme crise econômica e social que advir da crise do coronavirus e a tentativa de implantação definitiva do modelo neoliberal periférico no país. Esta crise poderá, rapidamente, romper a coesão desse novo bloco e abrir caminho para a construção de uma frente política efetivamente ampla, porque baseada nas forças populares, com a classe operária na sua direção.